



Aula 9 - O conhecimento nas relações humanas

**1. DESEJO-DE-ESTAR-JUNTOS:
O OBJETIVO SECRETO DO CONHECIMENTO**

Seja sincero e responda rápido: **Qual é a melhor hora da aula?**

Você pensou no INTERVALO?

Não é necessário se explicar por ter escolhido o intervalo como melhor parte da aula. Existe até uma justificativa teórica para essa preferência nacional: o intervalo ou recreio é pensado pedagogicamente, seja na universidade ou na escola, como tempo e espaço para gerar interações humanas, pois se sabe que o conhecimento tem uma dimensão relacional inalienável!

O intervalo possibilita trocas e interações fundamentais para o processo de aprendizado mútuo. Portanto, fica decretado que o intervalo tem sentido pedagógico sagrado! Anedotas à parte, há muito mais do que pedagogia no intervalo. Há quem diga que nosso *desejo-de-estar-junto* com os colegas é o que verdadeiramente move o sentido do nosso aprendizado. E não só dele, mas, tomado ao extremo, de tudo o que fazemos na vida. É o afeto, ao mesmo tempo produto e produtor das nossas relações, que move nosso conhecimento do mundo.

Numa linguagem mais *psicológica*, os pensadores Deirdre Boden e Harvey Molotch chamam isso de “compulsão por proximidade”, teoria apresentada pelo pensador Antony Giddens, no seu livro *Sociologia*, p. 98:

“Compulsão por proximidade: A necessidade de os indivíduos se encontrarem em situação de co-presença ou de interação face a face. As pessoas saem para ir a reuniões (...) porque situações de co-presença (...) fornecem informação muito mais rica sobre como outras pessoas pensam e sentem-se e sobre sua sinceridade do que qualquer forma de comunicação eletrônica (...) A co-presença dá acesso à parte do corpo que nunca mente, os olhos, as janelas da alma. (...) O contato visual em si sinaliza um grau de intimidade e confiança; os indivíduos co-presentes envolvidos na interação monitoram continuamente os movimentos sutis dessa parte mais sutil do corpo.”

Numa abordagem um pouco mais positiva, Otto Maduro, em *Mapas para a festa*, usa justamente a metáfora que dá título ao livro: as estruturas de aprendizado nas quais estamos envolvidos, os meios que criamos para produzir, gerir, fazer, compartilhar conhecimento, são como mapas que vão nos mostrar o caminho de uma festa. O objetivo final é a comunhão numa grande festa.

É o pensador Michel Maffesoli, no entanto, quem mais amplia nossa visão sobre essa dimensão relacional do conhecimento. Nos seus livros *No tempo das tribos* e *No fundo das aparências*, ele fala de um clima *neotribalista* que vem modificando nossas relações; um desejo de aproximação não tanto por interesses a longo prazo e grandes contratos sociais, mas por afeto

imediatos. Segundo Maffesoli, uma espécie de *nebulosa neotribalista* paira em toda a sociedade, suscitando novas relações e reelaborando questões clássicas como indivíduo, afetividade, instituições, educação, entre outras. Interessa não tanto mais o indivíduo, mas as relações entre as pessoas. Não mais o *príncipe encantado* ou a *cinderela*, mas uma boa relação. Não mais ter uma identidade clara, mas compor-se a partir de múltiplas identificações. Não somos mais *indivíduos* com uma função maquínico-social a cumprir, mas *pessoas* com vários papéis a desempenhar.

É Maffesoli quem dirá que o que nos agrega, nos reúne em qualquer grupo, é o *desejo-deestar-juntas*. Nossas relações de trabalho, de casamento, de política, de amizade ou qualquer outra, não acontecem por causa da utilidade ou do que vamos ganhar com isso, mas por uma espécie de *destino comum* baseado no afeto, esse *desejo-de-estar-juntos*. Segundo ele, é para satisfazer esse desejo que trabalhamos e também estudamos. A primazia não está mais com os indivíduos e seu sucesso, mas nas relações e sua preservação.

2. A RELACIONALIDADE DO CONHECIMENTO

A pensadora Ivone Gebara, no livro *Teologia Ecofeminista*, denomina a dimensão relacional do conhecimento de *interdependência*, ou RELACIONALIDADE. Segundo ela, qualquer conhecimento que temos é fruto das interações que constituem nossa vida. “Se tomamos a experiência de cada ser vivo, podemos dizer que a interdependência é sua primeira nota constitutiva. A interdependência ou relacionalidade é a experiência mais básica de todos os seres, anterior à nossa consciência dela” (GEBARA, 60).

Essa construção coletiva do conhecimento não anula nosso esforço e nossa experiência pessoal de aprendizado; seguimos sendo sujeitos atinentes autônomos. Mas o que se reivindica é incluir nos processos de aprendizado a perspectiva da COMUNHÃO COM, para atenuar a longa tradição que temos de conhecimento como CONQUISTAR ALGO. E aqui é importante lembrar que Gebara insiste também na idéia de ampliar a perspectiva relacional para além do humano, inserindo nos processos de conhecimento a Natureza e todos os demais elementos que tocam o mundo humano.

A dimensão relacional do conhecimento fica evidente quando nos damos conta de que o objeto do nosso estudo não é apenas nosso. Não estamos sozinhos no mundo! Pense que os seus dramas, anseios, objetivos de vida, suas esperanças e vontades; enfim, tudo aquilo que te move no processo de aprendizado, nunca é só seu. Seu júbilo e seu fracasso nesse processo são medidos pelo júbilo e pelo fracasso dos outros. Pense um pouco e você verá como o saber pelo qual você se interessa está, surpreendentemente, condicionado por outras pessoas. Em certa



medida podemos dizer até que, normalmente, cada qual de nós pensa e sabe aquilo que os outros querem que saibamos e pensamos. Pensemos também no conhecimento acumulado ao redor de nós, que ignoramos completamente, e do qual dependemos para viver; ou então na quantidade de coisas que já conhecemos quase que inconscientemente, e que não dependem de nós. Por fim, pense na quantidade de conhecimento e saber herdado, que é fruto das pessoas que nos antecederam.

O pensador Otto Maduro, em *Mapas para a festa*, diz o seguinte:

“Ninguém está sozinho no mundo. (...) Conhecer não é tarefa meramente individual. É sempre, também, um *trabalho comunitário*, tarefa coletiva (...). Por isso gosto de brincar com a palavra e dizer que conhecimento é sempre *conhecimento*: sabedoria alcançada a partir do esforço *comum* de inúmeras gerações e muitos povos. (...) Conhecer, portanto, é *co-nhecer*: procurar num esforço comum entender aquilo que de nossa realidade nos interessa” (MADURO, 82, 169).

Essa dimensão relacional do conhecimento fala do respeito que tenho que ter com a experiência de conhecimento de meus colegas, familiares, amigas e professores.

3. INTELIGÊNCIA RELACIONAL

Essa dimensão relacional do conhecimento faz de mim uma pessoa mais inteligente, um aluno melhor? Inteligência está geralmente associada a habilidades. Por exemplo: uma criança que aprende a falar cedo é tachada de *inteligente*; uma pessoa que domina um conteúdo e faz boa prova, é vista como *inteligente*; uma criança que sabe montar o quebra cabeça mais rápido, é a mais *inteligente*; uma pessoa que domina o raciocínio lógico e desenvolve idéias, é *inteligente*. Uma das formas mais comuns de aferir a inteligência são os testes de Q.I.: 100 pontos é a média geral; quem estiver acima disso, é inteligente; quem estiver abaixo da média, não é inteligente.

No entanto, existe uma dimensão da inteligência que não é medida em Q.I., nem é percebida no domínio de técnicas; é a chamada **inteligência relacional**. Um exemplo: uma pessoa pode ter muito sucesso na vida acadêmica, tirar boas notas, mas ser um total fracasso na vida afetiva. Por mais que ela tente, não se acerta com ninguém. Ou seja: sua inteligência afetiva ou relacional é muito diferente de outras capacidades.

Essa inteligência relacional fica evidente não apenas nas relações de afeto, mas também tem relações de conflito. Por exemplo: quem tem grande habilidade matemática pode ter nenhuma capacidade de interpretar uma situação de conflito relacional no trabalho, e por isso tomar uma decisão de encaminhamento totalmente equivocada. Aliás, é curioso que cada vez menos empresas confiam no testes de Q.I. para selecionar o bom funcionário... É que habilidades para o

trabalho, a empresa certamente conseguirá ensinar, mas inteligência relacional, que capacita a pessoa para trabalho em grupo, tolerância, paciência,...

Daniel Goleman escreveu um instigante livro chamado *Inteligência emocional*. Aí ele mostra como saber lidar com situações complicadas na vida e, sobretudo, saber se relacionar, tem muito pouco a ver com suas habilidades técnicas. É aí que ele mostra como pessoas de Q.I. altíssimo podem ser um fracasso sentimental. E é partir disso que ele mostrará que a inteligência relacional, definida como a capacidade de entender os outros, é tão ou mais decisiva que o Q.I. para alguém se dar bem ou mal na vida.

4. CONHECIMENTO PARA O MERCADO?

E aqui há um ponto crucial para relacionar inteligência, conhecimento e educação formal.

Ao responder à questão “*you study for what?*”, muitos estudantes universitários associam seus estudos ao desenvolvimento de habilidades técnicas; estão estudando para adquirir habilidades para se dar bem na vida, especialmente para se adequarem ao mercado de trabalho.

Segundo o que temos visto até agora nessa aula, temos que revisar essa opinião. Para garantir o lugar no mercado de trabalho, se fazem necessárias outras inteligências, especialmente essa denominada inteligência relacional.

O pensador Renato Janine Ribeiro, no livro *Humanidades*, diz que não é possível associar a educação superior a um estágio de preparação para o mercado de trabalho. Há quem pense que um curso superior é tanto mais avançado quanto estiver *atenado* nas exigências do mercado.

Mas o fato é que a tecnologia está mudando a necessidade das habilidades, e é possível que os atuais estudantes terão que fazer cursos específicos para conseguir um emprego. Por isso, *clonar* o mercado é inútil, diz Janine Ribeiro. A escola e a universidade nunca ensinarão técnicas e rotinas melhor do que a própria empresa no mercado. Ademais, treinamento e qualificações vão ocorrendo ao longo da vida de trabalho. Um dado simples revela que muitas das profissões que hoje mais empregam nos países industrializados, sequer existiam há 10 anos. Pensemos especialmente nas profissões ligadas à área da tecnologia.

O pensador Gilles Deleuze fala do mercado como “*Agente de controle*”: nossos desejos, nossas escolhas, nossos cursos, nosso mundo interno e externo, tudo está sob o domínio do *Deus Mercado*. Que triste e sutil escravidão! É o poder invisível que disciplina desde nosso jeito de vestir até nossas preferências estéticas e sexuais. É a padronização do pensamento e dos costumes de todos nós, capitaneada por uma falsa veiculação de aceitação mútua baseada no consenso. É daí,

aliás, que nascem os fanatismos, a intolerância e a barbárie, esses gestos desesperados e esquizofrênicos de uma sociedade massificada.

Pense um pouco: você não está cansado de receber da televisão o seu tíquete já pronto, seu ingresso de entrada para aquilo que você pode pensar ou não pensar?

5. APRENDIZADO PARA A VIDA TODA

Se não é para o mercado, para que serve o estudo na universidade, então? A educação no ensino superior deveria ser pensada mais como **UMA EDUCAÇÃO PARA TODA A VIDA**. Um curso superior deve focar o conhecimento de forma integral, com educação para todas as dimensões da vida, e para a vida toda. Se um curso quer simular o ambiente de trabalho na sala de aula, que o faça no que Renato Janine Ribeiro chama de “*espírito antropológico do trabalho*”: mostrar quais os jogos de poder, quais os valores e as dificuldades *de espírito* que o futuro profissional enfrentará, as relações que terá que estabelecer. Na opinião de Janine Ribeiro, aí os alunos aprenderão a “relativizar situações que aparecem como determinantes e dominantes.

Perceberão que o mercado de trabalho, por sinal extremamente diversificado, não é um absoluto ao qual devam curvar-se, mas um espaço de conflito e de disputa, dentro do qual é possível – e desejável – viabilizar projetos diferenciados (...). Nem adianta escolher uma profissão pensando nos excelentes espaços de trabalho que ela proporcionará. (...) O que a universidade pode fazer é outra coisa (...): a formação de uma base sólida o bastante para que, em meio às mudanças, o aluno saiba navegar.”

Saber navegar em meio às mudanças: esse é um bom objetivo para a educação que enxerga a dimensão relacional do conhecimento. Muda aí a própria idéia de ensino: ao invés da educação formal restrita a um ambiente institucional, entra em cena o aprendizado, que ocorre numa diversidade de ambientes – estágios, serviços à sociedade, eventos culturais, grupos de interação, etc. Reconhece-se cada vez mais que o conhecimento pode ser adquirido por meio dos mais variados contatos e interações sociais. Há inclusive programas institucionais que, para o aluno se formar, precisa cumprir certo número de horas de atividades sociais. Objetivo principal: desenvolver inteligência relacional.

Essa transferência da educação para o aprendizado transforma aluno ou aluna em *aprendiz*. O aprendizado já não é o meio para algo, mas o próprio fim da educação.

O curso de Humanidades, nesse sentido, é uma “experiência de resistência” frente ao Mercado, ao mundo controlado e massificado da Educação. Como a música tema daquele CD que o Lobão vendeu só em bancas de revista, “*bem vindo ao universo paralelo*”.

6. CONCLUSÃO: NORMOSE PEDAGÓGICA

Você já ouviu falar em NORMOSE? Quem pensou numa doença, acertou! Normose é uma patologia que acomete pessoas NORMAIS – ou viciadas em normalidade. Elas não suportam nada que sai do normal, e chegam mesmo a desenvolver patologias clínicas e psíquicas por causa disso.

Existe até um livro com esse nome: NORMOSE. É de psicologia-teologia-biologia, do trio Pierre Weil, JeanYves-Leloup e Roberto Crema - editora Verus. O termo *normose* surge ao lado de outras duas doenças psíquicas clássicas: "neurose" e "psicose". Definição de Normose: "Um conjunto de hábitos considerados normais que, na realidade, são patogênicos e nos levam à infelicidade e à doença." Existe a normose econômica, a normose afetiva, a normose sexual, a normose ambiental, a normose pedagógica, etc., etc., etc.

Pense um pouco: você conhece alguém que tem normose? Consegue identificar algum sintoma? O problema é que a normose é uma doença de consenso social: a maioria das pessoas tem e não sabe que tem. Até saberíamos definir o que é anormal – mas e o *normal*?

Dois sintomas clássicos de normose pedagógica: "Eu estudo para ficar rico". "O mundo não tem jeito; todo mundo quer mesmo para si".

Na verdade, de *normal* todo mundo tem um *grau*! Trata-se de um mal-estar generalizado que acomete especialmente as pessoas muito certinhas. Ela se manifesta justamente na hora em que a vida sai do normal e as pessoas não têm defesa psico-imunológica; ou na hora em que as relações afetivas dão problema; ou na hora em que a sociedade exige mais da pessoa, especialmente aquilo que só ela, na sua singularidade, pode oferecer.

Na hora em que a sua singularidade é substituída pela homogeneidade: aí você está doente de *normose*. "Quando recebemos o convite para nos levantarmos, para despertarmos do nosso sono, alguma coisa dentro de nós ainda resiste. É a essa força que resiste que chamamos de normose." (Jean-Yves LELOUP, *Normose*)

Para se proteger do vírus da Normose, o melhor remédio é o desenvolvimento da inteligência relacional. É aí que você descobre outros normais tão doentes quanto você. Aí você vai se associando, e de repente descobre que ser sadio é ser anormal. Aí você relaxa, e está iniciando o processo de cura.

**ENTENDA MELHOR O DESEJO-DE-ESTAR-JUNTOS
DA DIMENSÃO RELACIONAL DO CONHECIMENTO**

O pensador Michel Maffesoli amplia nossa visão sobre a dimensão relacional do conhecimento. Nos seus livros *No tempo das tribos* e *No fundo das aparências*, fala de um clima *neotribalista* que vem modificando nossas relações; um desejo de aproximação não tanto por interesses a longo prazo e grandes contratos sociais, mas por afeto imediato. Segundo Maffesoli, uma espécie de *nebulosa neotribalista* paira em toda a sociedade, suscitando novas relações e reelaborando questões clássicas como indivíduo, afetividade, instituições, educação, entre outras. Interessa não tanto mais o indivíduo, mas as relações entre as pessoas. Não mais o *príncipe encantado* ou a *cinderela*, mas uma boa relação. Não mais ter uma identidade clara, mas compor-se a partir de múltiplas identificações. Não somos mais *indivíduos* com uma função maquínico-social a cumprir, mas *pessoas* com vários papéis a desempenhar.

Para entender a nova ordem neotribalista em gestação, Michel Maffesoli prefere substituir o termo **sociedade** por **socialidade**. Veja como ele diferencia os termos no livro *No tempo das tribos*:

“Enquanto a primeira [sociedade] privilegia os indivíduos e suas associações contratuais e racionais, a segunda [socialidade] vai acentuar a dimensão afetiva e sensível. De um lado está o social que tem uma consistência própria, uma estratégia e uma finalidade. Do outro lado, a massa onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos”. (MAFFESOLI, *No tempo das tribos*, p. 101-102)

“O social repousa na associação racional de indivíduos que têm uma identidade precisa e uma existência autônoma; a socialidade, por sua vez, se fundamenta na ambigüidade básica da estruturação simbólica.” (MAFFESOLI, *No tempo das tribos*, p. 135)

O que forma o grupo e suas relações, seguirá Maffesoli, aquilo que agrega, é o que ele denomina simplesmente de *desejo-de-estar-juntos* - e de preferência à toa, sem obrigação. Os grupos não são tanto contratuais, mas afetuais, no sentido de que não respondem mais a objetivos a longo prazo, mas à realização imediata. O que agrega é uma espécie de destino comum, e não a utilidade do grupo.

Não obstante a aparente relativização dos objetivos a longo prazo, este micro-grupo neotribal manifesta uma vontade/busca de realização imediata que podem ser profundamente transformadoras. Esta ênfase no presente não é sinônimo de falta de projeto, de imperfeição. Pelo contrário: ela é cheia de qualidades. As relações dentro da tribo podem não ser eficazes no sentido de planejar para o futuro, mas são intensas no que tange à organização da vida diária. Há uma perspectiva *ex-tensiva* comum da modernidade versus outra *in-tensiva*, que se aplica perfeitamente aí. Esse neotribalismo baseado na afetividade e no curtir o momento pode ser

tomado como uma reação social à cultura de massas. O pequeno grupo, a tribo, reestrutura ou restaura a eficácia simbólica perdida na massa. Agora é o grupo que *faz a minha cabeça*.

Mas como a pertença a um grupo incide sobre as pessoas? Segundo Maffesoli, na socialidade não caberia a pergunta pela **função** do grupo, mas pelo **papel** do grupo. Ele distingue a concepção de *indivíduo* como entendido na sociedade moderna, da concepção de *pessoa* entendida na socialidade neotribal. Qual é a diferença? No neotribalismo, as pessoas e os grupos não são *engrenagens* de uma máquina que *funciona* para produzir determinada coisa, para ser útil; melhor é pensar em alguém desempenhando um papel, como numa peça teatral. Quem desempenha um papel pode estabelecer interações com as outras pessoas ou grupos. Se uma peça de uma máquina falhar, se ela não cumprir sua função, está fora, e é substituída. Essa é a compreensão clássica do indivíduo na modernidade. Já como numa peça teatral, não há propriamente falhas; cada interpretação é única e diferente da outra. É a experiência relacional que prevalece, e não exatamente o que eu vou aproveitar ou usar dessa experiência. Ou seja: nos grupos neotribais as pessoas não têm uma função, mas desempenham um papel.

“Característica do social: o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável.

Características da socialidade: a pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seu gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia nas diversas peças do theatrum mundi. (MAFFESOLI, No tempo das tribos, p. 108)

Num outro livro, chamado *No fundo das aparências*, Maffesoli apontará a consequência imediata mais interessante dessa comunhão neotribalista, a força mobilizadora das relações de afeto. Há uma super-valorização do tato, do pegar, da proximidade – em oposição a uma ótica do ver. Numa frase que sintetiza nosso interesse nessa aula: **“Não são os indivíduos que têm a primazia, mas as suas relações.”** (MAFFESSOLI, *No fundo das aparências*, 125). O interesse do todo prevalece sobre as diferentes partes que o compõem. Não é mais o indivíduo isolado que interessa, mas o coletivo. Aliás, é através de múltiplas identificações que as pessoas se associam, e não mais baseado em um só sistema identitário.

Está em curso, portanto, um novo modo de viver as relações sociais. Saem de cena as relações contratuais, baseadas em identidades claras, e surge um realidade confusa, baseada em atração e participação, imitação e contágio afetivo.



NOVAS FORMAS DE RELAÇÕES SOCIAIS	
ANTIGA SOCIEDADE	SOCIALIDADE EM GESTAÇÃO
Relações por associação	Relações neotribais
Interesse no futuro – progresso, sucesso	Interesse no presente - bem-estar
Agrupamento por Engajamento - Utilitarismo	Agrupamento por Banalidade - Estar-juntos-à-toa
Grupos contratuais - ótica-ver-distância	Grupos por “afeto” - Tátil-pegar-proximidade
Indivíduo - unidade	Pessoa -complexidade
Indivíduos com função social - maquínico	Pessoas com um papel social - teatro
Indivíduo autônomo	Massificação
identidade fixa	identificações ou gostos variados
Primazia dos indivíduos	Primazia das relações entre os indivíduos

BIBLIOGRAFIA USADA

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 21ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho D'água, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.
- OLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: porque ela pode ser mais importante que o QI*. São Paulo: Objetiva, 1997.
- MADURO, Otto. *Mapas para a festa: Reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- RIBEIRO, Renato Janine (org). *Humanidades: um novo curso na USP*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- WEIL, Pierre, LELOUP, Jean-Yves, CREMA, Roberto. *Normose: a patologia da normalidade*. Campinas: Verus, 2003.